

CEDI - P. I. B.
DATA 31/12/86
COD. 62.000.014



1ª ASSEMBLÉIA
DE CHEFES INDÍGENAS
DIAMANTINO 1974

PRIMEIRA ASSEMBLÉIA DE CHEFES
INDÍGENAS (2a. Edição)

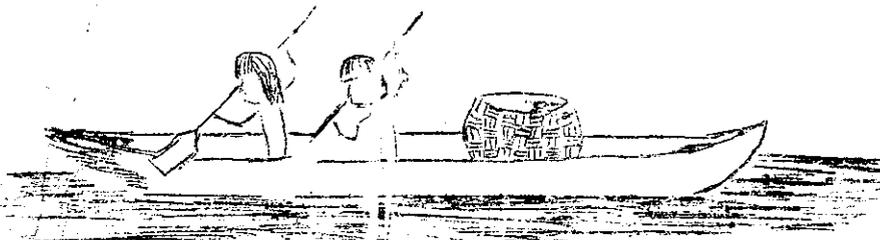
Diamantino, de 17 a 19 de abril de 1974

1. Os Preparativos: A idéia de uma reunião de chefes indígenas foi proposta pelo Pe. Tomás Lisboa numa das reuniões do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) que a acolheu e procurou lhe dar cobertura.

O CIMI, na oportunidade de abertura de diálogo com a FUNAI, dirigiu convite ao seu presidente, Gal, Ismarth Araújo de Oliveira para participar da Assembléia. O Presidente se fez representar pela antropóloga Ana Maria da Paixão. Como objetivo, o encontro procuraria dar aos chefes indígenas a oportunidade de se encontrarem, se conhecerem e falarem, com toda a liberdade, sem pressão, sem orientação de fora, sobre seus próprios problemas, e descobrindo por si mesmos as soluções, superando assim todo o paternalismo, seja da FUNAI, seja das Missões.

Pensou-se primeiro, como local, no Utiariti. Posteriormente optou-se por Diamantino, por ficar mais central.

2. Histórico da Assembléia.



Os primeiros a chegar, dia 15, foram os bororo e xavante, acompanhados pelo Pe. Rodolfo Lunkenbein. Vieram de ônibus.

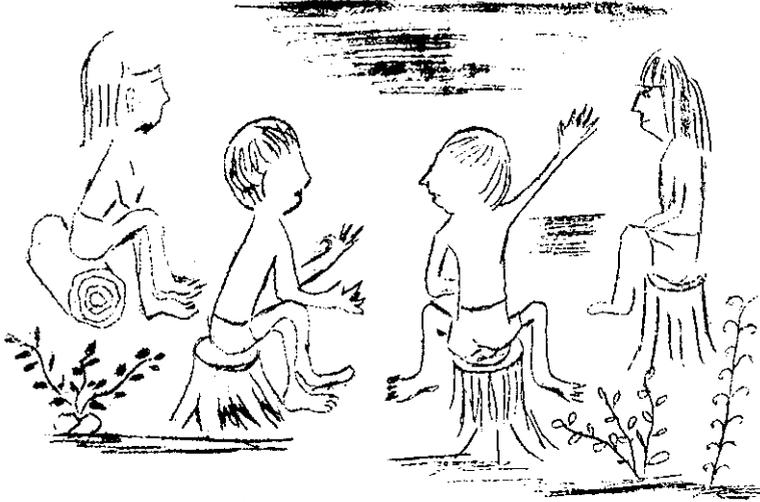
No dia 16 pela manhã chegaram com o avião da Missão um apiaká e um kaiabí. À tarde chegou, no avião da Diocese de Goiás, o Tapirapé acompanhado por Dom Tomás e Luiz Gouveia. Neste mesmo dia chegaram os enviados especiais do Estado de São Paulo, o repórter Mário Chianovitch e o fotógrafo Edvaldo Montrose. À noite compareceu o representante da FUNAI.

Para servir na Assembléia foi estabelecida uma coordenação com as seguintes pessoas: Pe. Iasi, Pe. Rodolfo, Pe. Adalberto, Dom Tomás, o Capitão bororo Aídji, o xavante Uiroçu, Luis Gouveia e o Pe. Tomás Lisboa.

A coordenação tomou como primeira medida limitar ao máximo a presença de elementos não índios. Como caminho a seguir resolveu não marcar nenhum assunto, mas dispor o encontro de modo que os assuntos saíssem dos próprios índios. Depois

de cada reunião a coordenação veria o passo seguinte.

No dia 17 pela manhã os próprios índios prepararam o local das reuniões sob as mangueiras do seminário. Limparam tudo e colocaram em redor troncos para se assentar. Foi o primeiro entrosamento. Depois se assentaram e ali mesmo, começaram uma primeira conversa.



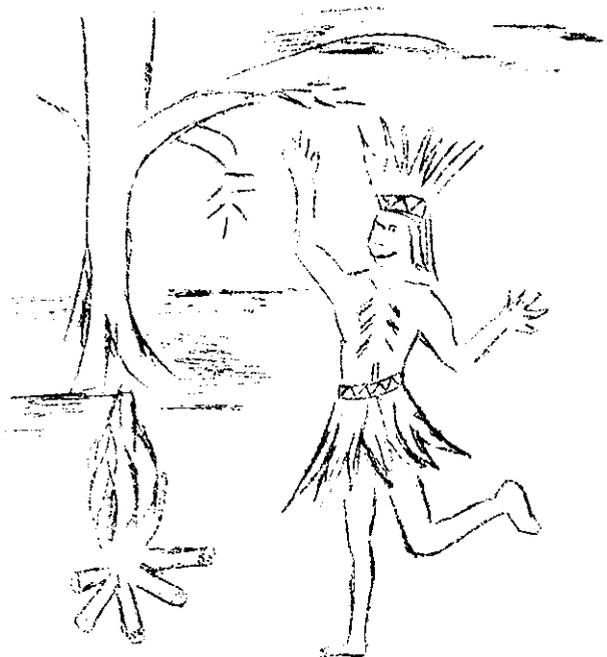
À tarde foi aproveitada para um passeio ao rio Diamantino com banho e cata de diamante. Iopareipo achou um chibiu. Ali conversaram e cantaram.

Dia 18. Começou o encontro com a primeira reunião geral dos presentes. Foi feita a apresentação de cada um. Pelas dez horas chegou outro grupo, de caminhão procedente do extremo oeste da Missão, índios Rikbaktsa, Iranxe, Pareci, Nambikwara, acompanhados pelo Pe. Tomás Lisboa. O atraso foi devido ao mau estado do caminho. Depois do intervalo reuniu-se o grupo completo, sendo 17 o número de índios. Continuou a mesma apresentação.

A primeira sessão da tarde foi para completar a apresentação. Depois do intervalo da merenda a turma se distribuiu em cinco pequenos grupos, para estudar as três maiores dificuldades encontradas pelos índios em suas aldeias.

À noite realizou-se uma espécie de scrão com apresentação de números de cantos e danças próprias de cada grupo. Alguns fizeram questão de mostrar os enfeites que usam nas festas. Esta sessão ajudou muito o conhecimento e a amizade de todos.

Dia 19. O terceiro dia do Encontro começou pelo relatório dos pequenos grupos de ontem. Após o intervalo do lanche houve uma reunião privativa dos chefes, sem presença de missionário nem de representante da FUNAI, nem da Imprensa. A finalidade dessa reunião era ver as soluções para os problemas levantados até aquele momento.



Na parte da tarde começou-se pela comunicação, em reunião geral, dos as-

suntos tratados na reunião exclusiva dos chefes. Em seguida passou-se à avaliação do encontro todo: o que acharam da Assembléia, seus pontos positivos e negativos. Possibilidade de outra Assembléia e melhor época para isso.

À noitinha deu-se o encerramento com um churrasco preparado e oferecido aos participantes pela Missão Anchieta. Foi muito apreciado. Após o churrasco, por iniciativa dos índios, houve vários agradecimentos, despedidas. Os dois xavantes resolveram distinguir os dois bispos presentes, Dom Henrique e Dom Tomás, com uma coroa e um cordão da amizade. Bem assim deram ao Pe. Iasi um cordão da amizade e o bororo colocou sobre a cabeça dele um cocar de penas de arara.

Assim terminou a primeira Assembléia dos chefes indígenas em Diamantino. No dia 20 cada qual tratou de seguir sua viagem de volta, rumo a suas aldeias.

3. Assuntos tratados.

3.1 - Apresentação de uns aos outros.

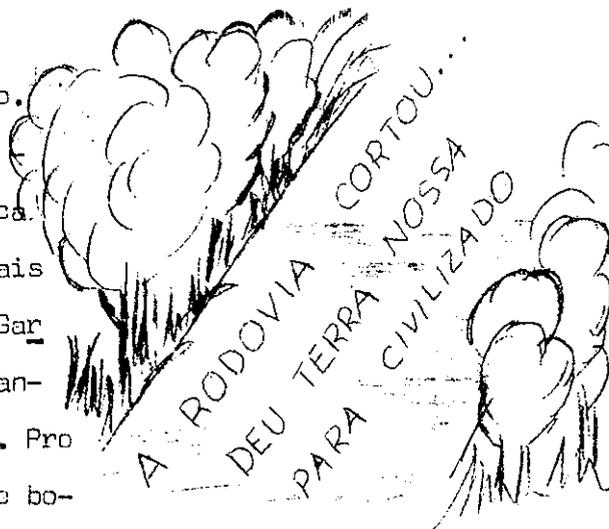
Capitão Aidji (Eugênio), Bororo de Merure. Missão Salesiana.

— " Tenho 56 anos, sou pai de três filhos e tenho vários netos. Não sou o mais velho da colônia. O encontro foi grande novidade para mim. Tive satisfação de conhecer vários amigos e tribos que não conhecia e não tinha ouvido falar. A reunião é boa para nós conhecer tribo e tribo. Tem muita diferença: língua, costume, comida. Caçada e pescada é igual. Material para flecha é igual, mas a flecha é diferente. Tradições diferentes, divertimento. Por exemplo, nós, bororo, nos comunicamos por assobio. Na saúde, é um pouco diferente. É bom reunir e conhecer. Muitos não sabem que a gente existe lá no oriente. Agora somos poucos. A turma maior era dos bororo. Agora, na Colônia, são 230. No Paraíso (Poxoreu) há famílias abandonadas da FUNAI e dos Padres. Os civilizados tomaram-lhes as terras. Estamos pensando em recolher para a Colônia. Se quiserem. A vontade é livre: se quiser ir para o posto pode ir. Vivem alcoolizados, passam necessidades, estragando a saúde. Eles preferem ficar com os Padres do que com a Funai. A gente fica com dó, eles tocam a gente como bicho, como cachorro. A gente fica com dó.

Sobre a localidade a gente quer tranquilidade. A sociedade não ajuda. Só os Padres é que estão agindo com nós: remédio, alimento, vestuário. Às vezes o Padre não tem. Estamos lá há 70 anos. Os nossos avós se foram, os filhos ficaram. Não há muito abuso de bebida. O álcool é o maior mal no São Lourenço. Na Colônia elegemos 4 para sustentar isso: não tomar álcool. A lavoura está muito animada. Hoje prejuízo devido às chuvas. O arroz colhido, já no terreiro brotou. Há outras parcelas. Neste ano vai aumentar. A área é pouca para cultura: arção, campo.

A rodovia cortou e deu área para civilizado.

No tempo do governador João Pon-
 ce os civilizados prometeram votos em troca
 de terra. Queremos recuperar esta área e mais
 outra de menos de dois quilômetros até no Gar-
 ças. O limite passa no espigão do Monte Gran-
 de. Os Bororo querem chegar até no Garças. Pro-
 lado da Providência a mata é pouca, cheia de bo-
 queirão, difícil de mecanizar. Pedras, córregos."

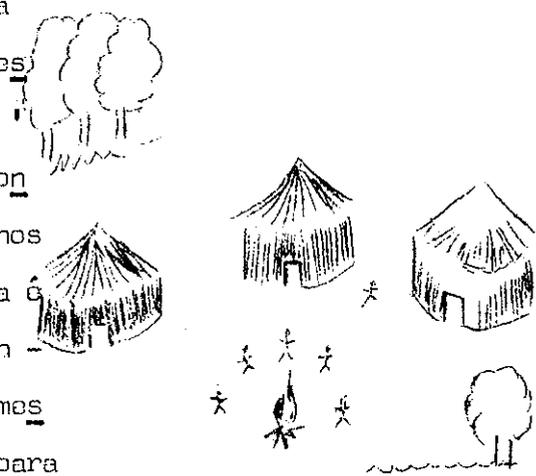


Capitão Piri (Pedrinho), apiaká da reserva indígena do rio dos Peixes,
 afluente do Arinos (Missão Anchieta).

—"Nosso local chama-se Nova Esperança. Somos quarenta e poucos. Estou
 fazendo força para ajuntar os meus parentes espalhados. Estão colhendo seringa, os
 palhados, explorados. Ninguém atende esses nossos parentes. Padre João ajuda nós
 também. Na reserva tem madeira, mas ainda não tem estrada. Fizemos viagem de três
 meses, trouxemos nove pessoas dos nossos parentes espalhados. Não pude trazer ou-
 tros, porque eles têm muita dívida no barracão do seringueiro. O encarregado do
 barracão poderia jogar a dívida sobre mim. A reserva é suficiente e boa."

Uiraçu (Pedro) - Xavante, Colônia São Marcos. Missão Salosiana.

"Não sou chefe. Vim representar minha tribo. Dois chefes foram para Bra-
 sília: negócios de terra. Anicoto e Pio foram falar: os chefes estão preocupados
 com terras. Algumas vezes pára, algumas vezes não vêm fazer demarcação. Nós esta-
 mos com pressa. Nós queremos fazer festa de iniciação para furação de orelha, de
 abril a setembro. Os chefes estão discutindo para
 fazer outras roças. Vão fazer três aldeias na mes-
 ma terra. Depois cada um pode fazer o que achar
 bom. Não se pode deixar a terra atôa. Caçar à von-
 tade, depois da colheita. Esta festa, faz sete anos
 que eu terminei. O costume dos xavantes: a festa é
 para se tornar homem. Somos 850, menos as crian-
 ças. São três chefes. Dois chefes vão ficar no mes-
 mo lugar, na Missão. Os outros vão para baixo, para
 ocupar terras. Os xavantes de São Marcos têm conhe-
 cidos nos Arécões. Vão visitar. Os de lá não vêm porque os chefes não deixam."



Txãco'iampãna (Marcos) - Tapirapé do posto indígena Tapirapé na Prelazia de São Félix.

--"Eu não sei falar bom. Tenho três filhos e cinco netos. A terra lá é pouca. Fazenda pegou terra. Fazer cerca com arramC para Companhia Tapiraguaia e Porto Velho não mexer. Limpar pastos, plantar roças. Milho, arroz, banana. Tem 31 cabeças de gado. Planta inhame, abóbora, mandioca, arroz, Só não planta feijão. Amendoim não tem. Quando tem planta. Todos fazem roça junto. Tem muito peixe. Tem tracajá, tatu, voado anta. Está gostando reunião."

Soremirami (João) - xavante, companheiro de Uiraçu.

--"Eu vai falar no meio do branco em língua nossa". (Aqui ele falou em xavante e pediu depois a Uiraçu para traduzir.) "Apoena, chefe, me mandou em seu lugar. Eu trabalho no lugar do chefe. Nós trabalhamos juntos com Apoena. Vamos ser chefes. Tem muito grupo de xavante. Cada grupo tem um que manda. Eu trabalho com o chefe, por isso ele manda nós para ver problemas aqui. Eu vou dizer para Apoena que é bom estar juntos com outras tribos que só conhecia de nome. Apoena mandou perguntar porque deixar negócio de terra.

Pessoal não chegou para demarcar. Está de morando. Os fazendeiros de lá não querem sair. Por que isso? Deus não fez a terra só para eles. Deus fez as terras para todos. Não só para os brancos. Também xavante tem direito de viver. Apoena mandou dizer isto. O branco deve respeitar xavante.

Já ouvi falar: Índio não é gente. Índio é bicho. Nós não somos bichos. Porque temos

alma, temos inteligência. Na aldeia há roça de arroz, milho e feijão próprio de xavante, batata própria. Plantamos muita coisa para conservar vida dos xavantes. Conservamos os costumes, nosso sistema, por isso fazemos muitas vezes festas dos xavantes para não esquecer. Nem todo o branco quer o bem dos xavante. Alguns querem acabar com os índios. Não está certo. Não viver só os brancos.

Apoena mandou eu perguntar: porque vão fazer esta reunião? Nós não sabemos. Vamos saber. Vamos trazer pra você. É bom reunião das tribos. Depois discutir sozinhos. Discutir assunto de terra, onde morar, ficar lá.



Temos inteligência, braços para fazer roças. Nós já tomamos pedaço de chão arado. (Eu mesmo já arrei terra com trator," acrescenta o tradutor.) Pedimos terra. Mais terra. Porque há muito campo, cerrado e pedra. Pedimos no rio Manso, o rio das Mortes. Marcar o quanto antes. Não ficar parado. Não deixar outros chegar. O governo pensa para todos, então que pense nisso também. Eu acho a reunião muito bonita. É bom. Falou tudo."

Capitão Reparcipo (Francisco) - Kaiabi da reserva do rio dos Peixes.

"Nossa gente está dividida. Eu não sei pra onde meu pai foi. Pessoal chegou lá com polícia pra levar nossa gente, na marra. Eu não quis ir. Pe. João estava fora. Quando chegou ralhou comigo: --"Como deixou nosso povo ir embora?" (Nota: ele se refere à Operação Haiabi, realizada por volta de 1964 pelos Irmãos Vilas Boas, com intenção de reunir no Parque os Kaiabi dispersos e explorados, mas na realidade só levaram alguns índios do posto missionário, e dividindo famílias.)

Nós trabalhamos em comunidade. Quem não quer trabalhar não ganha. Eu, como chefe dou conselho. Temos muita lavoura. Cada um fazer sua própria roça. Temos castanha, seringa, farinha. Neste ano não plantamos tanto. No meio do meu povo saiu briga. Eu dei conselho para não brigar.

Senão a FUNAI não deixa comprar mais munição.

Eu quero juntar todo o meu povo. Tem Kaiabi na Barra dos Bugres, na cidade, no rio Novo no Parque Xingu, no rio Peixoto. Estou com saudade do meu povo espalhado. Vamos resolver com a FUNAI como juntar nossa gente. Nossa terra é grande. Tem de tudo. Estamos vivendo bem. Mas pão já entrou no meio. Agora parou um pouco. Japonês também. A firma Agrotep cortou o córrego da divisa da nossa terra."



ESTOU COM SAUDADE
DO MEU POVO...

Capitão Itugôga (Raimundo) - Bororo de Marure. (Falou em sua língua, depois o Capitão Acdji traduziu.)

--"Sou natural do Paraíso. Fomos para Marure só em passeio. Achamos bom o lugar. Tomamos estima. Conhecemos os Padres e companheiros. Ficamos lá sete famílias. Faz sete anos.

Vendo tanta questão na aldeia elegemos 4 chefes. O primeiro é o filho de Aedji. Eu também sou chefe. E há outro. Nós fizemos isto para ajudar nosso diretor

Os índios fazem reunião para todos pensar igual. Defender nossas terras. Quando o Padre não puder. Nós vamos defender."

Ahezumaré (João Garimpeiro) - Parecí da aldeia do rio Verde, na BR 364, Missão Anchieta.

--"Na minha aldeia há mais ou menos 60 índios. Tem muitas outras aldeias. Eu vim sem saber. Minha mulher ficou preocupada.

Me chamo garimpeiro porque aos 16 anos fui trabalhar no Garimpo.

Nossa reserva é grande mas a terra é pobre. Queremos fazer nova reserva. A gente está espalhada, dispersa. Precisamos campo para caçar e mata para plantar. Campo dá só mandioca, e muito mal. Na nossa reserva havia problemas de bebida. Agora calçou um pouco. Eu reclamo mas a turma não obedece. Há também alguma briga. Na nossa reserva parou um tal de Demétrio que não é índio. Trouxe não pinga, mas álcool.

Branco levaram algumas famílias nossas para trabalhar como escravos. Para trabalhar no seringal."

Capitão Tapema - Rikbaktsa (canoeiro do Mato Grosso). Aldeia Eremetsaukê (Toca do coatá)

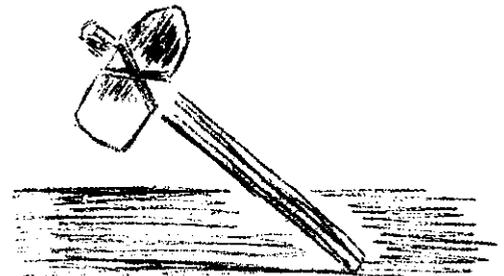
Somos 70 índios neste local.

Há aldeias na boca das cachoeiras, mais para baixo. São mais ou menos 300 índios. Todos estão dentro da reserva. É bom esta reunião. Aldeia muito longe. Primei

ro, não ter civilizado. Não ter facão. Usar dente de cotia. Machado de pedra. Não ter roupa. Padre João chegar. Morreu muito canoeiro."

Tatsabui (Eriberto) -- Rikbaktsa.

--"Nossa reserva é boa. Está ameaçada de ser cortada. Levantamos linha de divisa, onde há demarcação que atravessa a linha de reserva, vamos colocar placa. Se encontrar alguém caçando na reserva vamos tocar fogo no rancho deles. Se continuar, matar. Um problema na tribo: há mais homens que mulheres."



Capitão Axikaruçauá (Antônio) - Nambikuara da aldeia do córrego Tira Catinga, Missão Anchieta.

--"Estou segurando nossa terra no Tira Catinga. Nosso pessoal quer conversar com os da Serra Azul para trazer para cá. Mas Fritz da FUNAI está segurando lá. Branco quer matar índio. Branco tem muito. Nós está acabando. Quando branco entra na terra, que fazer? Não flecho não. Nossa terra tem arroz, milho. Semeamos gordura. "

Tamunxi (Luis) - Iranxe, Aldeia do Cravari, Missão Anchieta.

--"Atrasamos porque moramos longe. É bom conhecer outros. Na reserva não aconteceu nada. Nossa gente respeita branco. Outros falar que índio é bicho. Mesmo quando fala longe a gente escuta.

Na reserva trabalha separado cada família. Comunidade planta junto arroz, mandioca. Feijão não deu. Cana já deu. Fizemos pasto para nosso gado. Caça difícil. Peixe não tem. Por isso queremos levantar o gado.

O fazendeiro é bom. Fizemos Páscoa juntos. Teresa, atendente da FUNAI, vai casar com ele, ficar na fazenda S. Paulo do Cravari.

Com respeito a Iranxe novo, menku, ele fala quase diferente, mas a gente entende. Nós fazemos força para garantir reserva para eles. Aqui não tem caça. O iranxe ficar lá garantido. Mas há perigo de pessoal entrar na reserva de

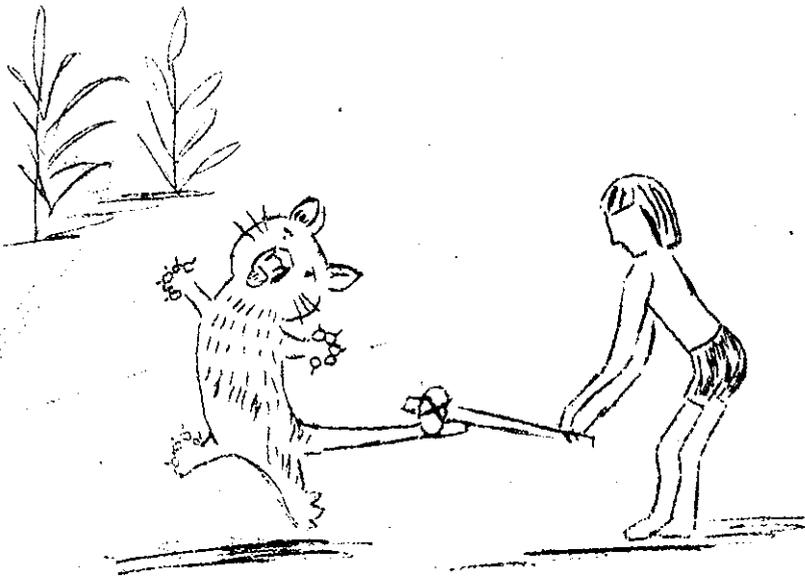
iranxe novo.

Escutamos na fazenda São Paulo que querem matar Padre e acabar com índio. Faz tempo tiraram madeira da reserva. Não pagaram. Agora, americano pagou. Nossa gente só homem bastante. Iraxe casar com outros: canoeiro, kaiabi,

cinta larga, cabixi, pareci.

Capitão Iananxi (Aníbal) - Iranxe da aldeia do Cravari.

--"Nós está bom. Mais tarde o branco vai querer invadir reserva. Se acontecer fazenda atacar a gente eu correr FUNAI. A terra não é muito boa. Estou



tocando pra ver se dá pra nossas famílias. Preparamos pasto para o gado que Padre levou pra lá. Produzir e dar de comer pra filhos e compamheiros. A terra não ajuda. Outras manchas dar alguma coisa.

Fiquei preocupado com iranxes novos. Branco queria que eles mudassem mais pra dentro. Não é possível. Onde nós nasceu, nós tem direito de viver, Padre Iasi foi levantar as cabeceiras dos córregos. Não é possível mudar. Não dá pra trazer os outros para onde a gente está. Lá tem caça, macaco, porco. Aqui não tem. Queria levar gente nossa passear lá. Caçar, pescar, aliviar o braço.

Costume antigo temos de vez em quando. Fazer festa, eu vou dizer, não fazemos. Não conhecemos. Outros iranxes sabem. Fazemos brincadeira de civilizado: baile. Aniversário a gente faz boião." (nata: a dificuldade de realizar festas típicas vem do fato dos poucos homens terem se casado com mulheres de outras tribos.)

Uaikiteçauá (Tito) - Nambikwara, aldeia do Tira Catinga. Missão Anchieta.

—" Nasci no rio Juruena. Os brancos mataram meu pai e minha mãe. Os Padres da missão me criaram. Aprendi em Diamantino. Fui para Cuiabá e Campo Grande. Em 1947 fui para o quartel em Cuiabá, até 52, como soldado da polícia. Voltei depois e fiquei na aldeia. Nós temos muita criação, pasto. O gado foi trazido pelos Padres. Feijão não dá. Arroz, mais ou menos. Cana com fartura. Quero recolher meu pessoal de Serra Azul com meu esforço. Até o fim do ano. Estão para o mato. Fora da reserva. Fomos a Serra Azul mas não encontramos ninguém. Todos estavam fugidos, esparramados por causa dos brancos."

Capitão Zunizaré (Antônio ou Tonia) - Pareci. Aldeia do Formoso. Missão Anchieta.

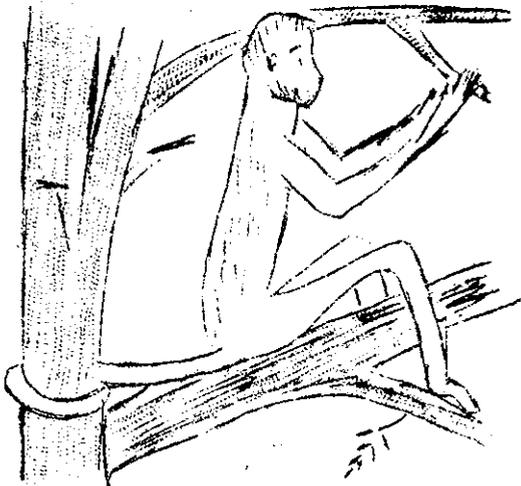
—" Nós somos reserva duma Companhia. Desde o princípio estamos aguentando. Queriam nos tirar daí. Não podem, pois nossos avós moravam aqui. Ninguém está ajudando. Nem a FUNAI. Somente eu, pela minha força. Depois desani mei. Queria sair, viver como passarinho, comendo frutinha em qualquer árvore. Mas o pessoal disse pra ficar, fazer picada, fincar marco. A terra é boa. Outro lugar não dá. As companhias vão tirando as terras. Perto de nós está o Sul da Mata. O agrimensor



atravessou o rio Formoso. Eu disse: Porque você atravessou? Vou falar com o chefe da Polícia de Cuiabá. Vai correr com vocês daqui. Aí tiveram medo. Eu não sou mole. Enquanto estou vivo posso segurar. Nós somos os primeiros brasileiros.

3.2 - Levantamento dos principais problemas das tribos - Reunião em pequenos grupos.

1º Grupo: Macaco Prego, formado por Kaiabi, Apiaká, Xavante, e Iranxe.



1 - Terra. Apiaká, Kaiabi e Iranxe não tem problema especial pois têm reserva decretada e a terra é boa. Para o Xavante o problema é mais grave e estão dispostos a lutar para garantir as terras. Estão aguardando a demarcação.

2 - Organização Interna: Enquanto Kaiabi e Apiaká estão procurando reunir os elementos dispersos, os Xavantes vão procurar dividir a Aldeia de São Marcos em três.

3 - Relação com os de Fora. Os Iranxes tiveram problemas com jagunços que invadem a reserva à procura de peões foragidos das fazendas vizinhas. Entre Bororo e Xavante há o problema de área contígua com reclamações de algumas invasões por parte do xavante. Vão resolver esta problema em estudo conjunto.

2º Grupo: Gavião Fumaça, formado por Rikbaktsa, Xavante, Pareci e Iranxe.

1 - Terra. Para o Iranxe a terra não é muito boa. O Xavante apresenta o problema da demarcação. O pareci não tem reserva (Aldeia do Formoso).

2 - Assistência. Iranxe pede professor para aldeia. E a presença permanente de uma enfermeira. Pareci sentem falta de medicamentos. Quando Iranxe adoecem têm que correr para Utiariti.

3 - Condução. Pareci do Formoso sente falta de condução, para retirar os produtos da roça.



3º Grupo: Arara Vermelha, formado por Rikbaktsa, Nambikwara e Bororo.

1 - Terra. Bororo fala de delimitação entre eles e Xavante. Disposição de ambos de defender sua área. Nambikwara quer fazer a demarcação com seu próprio esforço.



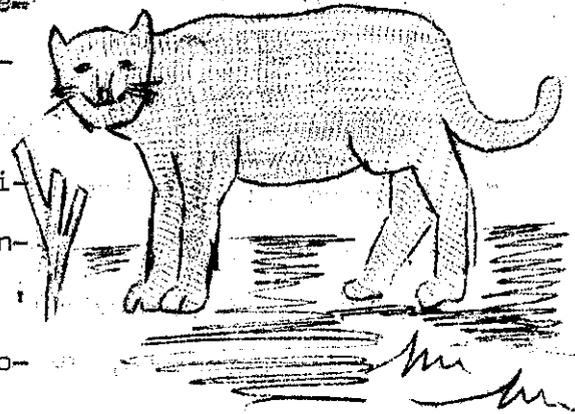
2 - Assistência. Nambikwara reclama medicamentos. Rikbaktsa mostra problemas de malária, ocasionando mortes. Necessita borrifação periódica.

3 - Organização Interna. Rikbaktsa solteiros são levados a buscar trabalho fora da aldeia, na expectativa de se casarem, visto que na Aldeia não há moças suficientes. Nambikwara quer reunir os parentes dispersos.

4º Grupo: Onça Preta, formado por Parecí, Iranxe, Bororo.

1 - Terra. Parecí lamenta má qualidade das terras. Iranxe disposto a defender a reserva. Bororo pede que fazendeiro tome cuidado com gado invadindo terras dos índios.

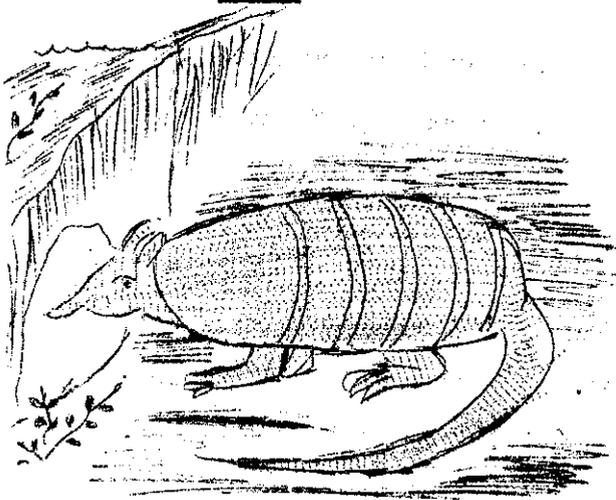
2 - Usos e Costumes. Parecí se queixa da falta de obediência do chefe. Iranxe sente dificuldade em conservar língua e costumes devido aos casamentos intertribais. Bororo procura controlar uso de álcool.



3 - Assistência. Parecí diz que não é atendido na saúde nem pela Missão, nem pela FUNAI. Parecí e Iranxe sentem falta de escola com professor capacitado.

5º Grupo: Tatu Canastra, formado por Tapirapé, Apiaká, Parecí.

1 - Terra. Parecí sente falta de reserva decretada. (Aldeia do Formoso)



2 - Assistência. Parecí (do Sacre e do Formoso) sente falta de professora permanente para criança e adulto. Falta de enfermeira. Reclama do sistema de atendimento volante. Sentem necessidade de enfermeira para atender os casos graves também.

3 - Costumes. Parecí já está voltando aos costumes antigos. Abandonaram uns

tempos. Mas aiada não têm os instrumentos que usavam: flauta, jararaca caça de nariz. Apiaká caprichando para voltar costume. Deixaram porque viviam no meio dos civilizados. Tapirapé diz que ao voltar vai fazer festa de cara grande. Está marcado.

3.3 - Propostas de Solução dos Problemas - Reunião Privativa dos Chefes.

Capitão Mozuiané (Damião). Encaminhou proposta escrita à Missão Anchieta tratando de problemas particulares de sua aldeia.

Capitão Ahezumaré (João Garimpeiro). "Cada chefe, nós mesmos, vamos tomar conta. Vamos defender como polícia. Não aceitar pessoa de fora do grupo. Viver como antes sem mistura. Nós mesmos vamos trabalhar. Quanto ao medicamento, vamos pedir à FUNAI. Mas não recorrer sempre a ela. Nas outras coisas nós mesmos. Combinamos um só pensamento que nós vamos ficar. Procurar muito FUNAI não resolve nada. Os chefes mesmos é que tomam conta. Assim falei. Assim aceitaram."

Capitão Iananxi (Anibal). - Iranxe. "Quanto à escola colocar minha gente mesmo. 'Daqui pra diante não aceitar gente branca com gente da nossa tribo."

Tamunxi (Luis) Iranxe - Precisamos do título para mostrar pro branco. Ter título de terra na mão. Outra coisa: Missa nossa. Primeira comunhão de crianças. Páscoa. Tem que ser sempre. Cooperativa nós sabemos dirigir. Precisamos de sabão, roupa. Compramos com borracha. O resto produzir lá mesmo. A Missão é longe. FUNAI longe. Na hora que acontecer qualquer coisa, resolver lá mesmo."

Capitão Iopareipo (Francisco) - Kaiabi. "Peão que quiser entrar na terra minha gente não dá licença. Só com licença da FUNAI e minha. Às vezes chega peão de noite, fico com dó. Dá pernoite. De manhãzinha dá café e mostra a estrada. Vai embora. Outro quis ficar 90 dias. Falei não pode. Quando vem com bebida, eu dou em cima. Quando brigam, eu dou em cima."

Capitão Axikaraçauá - Nambikwara. "Minha gente da Serra Azul eu vou reunir. O branco da estrada faz confusão. Nós não temos reserva, Eu quero pedir reserva para nós."

Uiraçu (Pedro) - Xavante. "Não deixar índio ir para longe, casar com branco. Os chefes devem ficar com documento das terras. Senão vem o branco, conversa e toma. É bom a gente se reunir. Pelo menos uma vez cada ano. Assim os chefes se conhecem. No fim falamos: somos todos cristãos. Somos uma só família. Nosso pai que está no céu é um só. Somos filhos de Deus!"

Capitão Zonizaricé (Antônio ou Tonoa) - Pareci. "É preciso ter documento da terra pra mostrar pro branco. Vou fazer tudo por minha força. Eu sou homem, tenho direito de falar. Já ouvi muita mentira. Ninguém está tomando providência de nós. Antes

de chegar agrimensor a gente já estava lá. Vou fazer por mim mesmo."

Capitão Aedji (Eugênio) Bororo. Eu fiz a abertura da reunião d^{os} chefes. Todos sabemos que o índio não é ativo em toda a parte. Nós temos que fazer assim: susten-
tar a questão nossa. Não confiar muito na FUNAI, nem na autoridade. Ela não vem
ver o que está acontecendo. Até que venha providência
já morremos cinco ou seis vezes. Dou este plano: se
companheiros não concordam têm liberdade de dizer não.
Mas concordaram.

Cada capitão deveria ter direito de ter do-
documento e mapa da reserva na mão. Não brigar só com
a bova, mas com a força do documento. Para o índio não
ser enganado. O índio é o mais fraco. Vamos agir assim,
que não está nada errado. Não acusar padre, nem salesi-
ano, nem jesuíta. Tudo saiu de nossa cabeça. Estamos de
clarando o que tínhamos no coração. Já há tempo que tínhamos isso na idéia. Vamos
trabalhar na nossa área, vocês aqui na de vocês, nós lá."

DOCUMENTO



3.4 - Avaliação do Encontro.

Capitão Piri (Pedro) Apiaká. "A reunião foi muito boa. Encontrou os ami-
gos. Outra que tiver vem. Lembrar agora o que temos pra frente,"

Iamuré (Vandir). "A reunião foi muito boa. Melhor época é o mês de julho.
Estou contente de conhecer a turma."

Capitão Axigoroçauá (Antônio) - Nambikwara. "Gostei da reunião. Boa."

Iamunxi (Luis) - "Gostei. Conheci tribo diferente. Gostaria de continuar
pro ano. Conhecer mais pessoal. Nunca vai esquecer. Vou contar caso do que vimos
aqui."

Capitão Iopareipo (Francisco) - Kaiabí. Reunião boa. Por isso veio. Ago-
ra vou dar conselho pra minha gente. Foi assim, assim. Conheci muitos companheiros.
Mês de seca é bom para fazer reunião."

Capitão Mozuiané (Damião). "Muito boa a reunião. Conhecimento das tribos.
Fazer reunião com outras tribos cada ano. Nas malocas também se reunir. Para apru-
mar."

Capitão Itugôga (Raimundo) - Bororo. "Gostamos da reunião. Temos que pensar nela. Chegando em casa fazer reunião com eles sobre o que tivemos aqui. Só um não é bom pensar. Fazer reunião assim, entre nós."

Capitão Aedji (Eugênio) - Bororo. "Satisfeito de conhecer outra gente. Prazer de conhecer Dom Henrique bispo. Vou reunir o pessoal da aldeia e vou contar o que se passou. Para reunir melhor é junho julho, na força da seca. Agora as estradas estão ruins."

Capitão Ahezumaré (João Garimpeiro)-Pareci. "Reunião muito boa. Já tinha conhecimento dos xavantes. Naquele tempo, se nós fosse brabo, não podia reunir. Agora nós unimos. Os outros assuntos é de minha parte. Agora tenho mais força. Mais orientação. Gostaria de ser convidado outra vez. Ao sair de casa não sabia de nada disso aqui. Coragem tinha. Ao chegar lá vou contar."

Capitão Txanko'impana (Marcos) - Tapirapé. "Vim conhecer. É a primeira vez. Não sabia, assim mesmo vim. Vou falar pra Irmãzinhas, Luis. Deixei arroz pra colher. Vim assim mesmo."

Capitão Ianaxi (Anibal) - Iranxe. "Reunião boa. Encontrar companheiros. Não sabia quem ia encontrar. Veio conhecer a nossa gente, xavante, bororo. Na outra reunião pode vir mais gente. Na seca é melhor. Mais tranquilo. Agradeço todos vocês."

Capitão Zorizaré (Tonio) - Pareci. "Achei bom. Chego lá em casa e posso contar pra minha família. Se outra vez, quero vir."

Seremirami (João) -(Falou em xavante). "Reunimos aqui. Viemos sem saber o que apresentar aos outros. Gostamos de conhecer uns aos outros, não fazer só reunião. Não deixar reunião inútil. Mas levar para aldeia. Vamos levar satisfação de conhecer chefes. Somos amigos. Podemos dizer doravante; somos amigos. Nós voltamos e falamos pra tribo o ouvimos aqui."

Tatsabui (Eriberto) - "Meus amigos, gostei muito da reunião. É alegria para mim conhecer estas tribos. Talvez na seguinte reunião nós possamos nos encontrar novamente,"